

Especial ▶ Nesta quinta-feira é celebrado o Dia da Costureira, atividade primordial para moda, mas pouco reconhecida

Ofício que passa de geração a geração

GABRIEL BOSA
redacao@atribunanet.com

Foi observando atentamente à mãe no manejo da máquina de costura que Daiana Borges Floriano deu os primeiros passos na profissão. Ela e as irmãs cresceram cercadas por retalhos de tecido, carretéis, linhas, fios e botões, reflexo da produção incessante que dona Ivonete mantinha dentro de casa. De forma gradual, o ofício da costura era mais uma vez repassado à próxima geração da família.

"Eu comecei em casa com os retalhos que sobravam das peças da mãe, aos 11 estava numa fábrica tirando o fio das máquinas e aos 15 já era fichada como costureira", descreve Daiana.

As técnicas e truques de costura repassados às filhas eram os mesmos que dona Ivonete, décadas antes, havia aprendido com uma geração anterior da família de costureiras.

"Tinha uma tia que já trabalhava com costura e eu achava aquilo lindo. Primeiro eu comecei fazendo roupas para as meninas em casa, depois trabalhando sob medida, em faixões", conta ela, acumulando mais de três décadas de atividades.

Nesta quinta-feira é comemorado o Dia da Costureira, em homenagem a todas e todas que contribuem significativamente com o grande mercado da moda, mas que muitas vezes não têm o devido reconhecimento.

Segundo os últimos dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT), o segmento movimentou aproximadamente US\$ 39,3 bilhões em 2016, com produção média de 6,7 bilhões de peças, entre vestuário, roupas de cama, entre outros tipos de confecção.

A indústria ainda mantém 1,5 milhão de empregos diretos e 8 milhões de indiretos, dos quais 75% são de mão de obra feminina, em 32 mil confecções registradas. O segmento têxtil é o segundo que mais emprega na indústria de transformação, atrás apenas da construção civil, sendo o Brasil o maior produtor de



RENAN MEDEIROS/A TRIBUNA

APRENDIZADO

Com mais de três décadas de atividades, dona Ivonete repassou à filha Daiana todos os truques e manejos com a máquina de costura

malhas do mundo.

"É um trabalho que precisa muito de criatividade, de força de vontade, se não, não se faz nada, tem que gostar muito", ressalta dona Ivonete. "É um ritmo que já vem no nosso sangue, desde o começo eu tomei gosto pela coisa e continuo até hoje", complementa a filha.

Dedicação a cada detalhe é compensada após finalização da peça

Hoje mãe e filha trabalham lado a lado na produção da La Moda, uma das referências nacionais na confecção de moda feminina premium. As duas ingressaram juntas há pouco mais de três anos e não escondem o orgulho de ver o trabalho feito em Criciúma sendo divulgado em propagandas, revistas e desfiles Brasil a fora.

"A gente se sente bem, tem orgulho do nosso trabalho quando vemos as peças nos *outdoors*, as pessoas usando. Sempre quando vem o catálogo nós nos sentimos gratificadas, cada uma virando a página e mostrando qual peça ajudou a fazer", brinca Daiana.

A mesma história de o ofício ser passado de

geração em geração se repete na família de Zanete e Fernanda de Oliveira Goulart Andrade, mãe e filha, respectivamente. Ambas também entraram juntas no quadro produtivo da La Moda, há aproximadamente cinco anos.

"Hoje não é fácil arranjar uma moça que queira trabalhar com costura. Na minha época, tinha muito mais interesse", ressalta dona Zanete, que também repassa um pouco do seu conhecimento às colegas mais novas de trabalho.

Para Fernanda, a dedicação empenhada no serviço manual é recompensada quando o produto final é apresentado nas coleções. "As pessoas veem as peças mas não sabem o trabalho que é montar. Tudo é muito discutido, cada detalhe é feito com muito trabalho", expõe.